

Sedia la fremosa...

Uma proposta de estudo diacrónico de *ser* (< *sedere* e *esse*) e *estar* em português

Maria Teresa Brocardo

Abstract: The paper briefly presents some relevant topics for a diachronic approach of *ser* versus *estar* in Portuguese. I begin by illustrating, on the basis of selected medieval examples, some of the most patent diachronic contrasts concerning the forms and values marked by descendents of Latin *esse*, *sedere* and *stare* occurring in different constructions. The first two would merge into a single ‘be’ paradigm in contemporary Portuguese, but in past synchronies their functioning in some contexts still apparently preserves the original etymological opposition between ‘be’ and ‘seat’. However, a closer look at medieval data shows a more complex functioning of the forms pertaining to the three original paradigms. The objective of the paper is to underline some of the relevant issues to be developed in the study of their evolution, within the grammaticalization framework, namely: bleaching of the original (more) lexical values of descendents of *sedere*, ‘seat’, and *stare*, ‘stand’; competition of forms from originally different paradigms, observed from the most ancient written records; obsolescence of some forms from *sedere*; analogical processes that affected forms from *stare*, by influence of forms from *sedere*. The development and interrelation of these (among other) topics should provide the basis for the identification of the conditioning factors that have lead to the diachronic evolution of Portuguese ‘be’ verbs.

No presente trabalho pretendo delinear uma proposta de estudo sobre a diacronia de *ser* e *estar* em português. O tema é, evidentemente, vastíssimo. Limitar-me-ei aqui a apontar alguns tópicos que considero relevantes para o seu enquadramento, desde já assumindo que tomei à letra o tema deste WGT, ou seja, o que exporei consiste, nesta fase, apenas efectivamente numa *proposta* de estudo e não na apresentação de resultados de uma investigação, nem mesmo em fase inicial.

Partirei de algumas observações muito gerais sobre *ser* e *estar* na história do português, com base essencialmente em obras de referência, tendo em vista apontar algumas especificidades da diacronia destes dois verbos, em benefício, sobretudo, de leitores eventualmente menos familiarizados com este tema da gramática histórica do português. Os exemplos de textos medievais que seleccionarei, sem pretensões de representatividade quantitativa, servirão para ilustrar alguns pontos que obrigatoriamente

figurarão em estudos a desenvolver dentro desta temática. Recorrerei também a dados de trabalhos anteriores (meus e em colaboração com Clara Nunes Correia) em que foram já abordados tópicos relacionados para completar a *proposta de estudo* que pretendo aqui apresentar.

Dois verbos ‘ser’?

O paradigma de *ser* em português actual é, como se sabe, diacronicamente híbrido, incluindo formas derivadas de dois paradigmas latinos distintos, (*sedeo*) *sedere* e (*sum*) *esse*. Em português antigo, porém, o contraste formal parece ter contraparte semântica, como geralmente se observa em gramáticas históricas e outros estudos diacrónicos, que referem a ocorrência de formas derivadas de *sedere* em contextos em que no português actual se usaria *estar*. Entre estas incluem-se quer formas que viriam a ter continuidade no actual paradigma de *ser*, quer formas que viriam a cair em desuso. Das últimas serve de exemplo a que ocorre no título deste trabalho, retirada de uma cantiga de Estevan Coelho – *Sedia la fremosa seu sirgo torcendo...* (CV 321, Nunes [1906] 1981: 284) – e que noutros textos aparece na variante *siia*.

Sobre estes ‘dois verbos *ser*’, vejam-se, por exemplo, as observações de Nunes ([1919] 1975⁸: 332), que assim resume a sua evolução: «O actual verbo *ser* resultou (...) da fusão de dois, provenientes dos latinos *sedere* e *esse*; na antiga língua tinham ambos vida independente, possuindo ambos de comum o futuro e condicional, imperativo, conjuntivo presente, infinito e gerúndio; na acepção de *estar sentado*, usavam-se as formas pertencentes a *sedere* (...) depois aquelas desapareceram do uso, sendo a sua significação dada às correspondentes de *estar* e ficando só as que já eram comuns.»

Sobre a evolução destas formas, afirma Teyssier (1982: 68) que «A conjugação de *ser*, que resulta da fusão em um paradigma único dos paradigmas de dois verbos, um dos quais representa o latim *sum* e o outro *sedeo*, está praticamente fixada na segunda metade do século XVI.», o que pontaria, portanto, para uma mudança decisiva neste aspecto já no início do período clássico.

Vejamos alguns exemplos de textos dos sécs. XIII a (finais do) XV (v. ref. dos exemplos no final das ref. bibl.):

(1) Eno nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, teme~te o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de meus filios e de meus uassalos e de todo meu reino fiz mia mãda *per que* de²pos mia morte mia molier e meus filios e meu reino e meus uassalos e todas *aquelas que* Deus mi deu en poder sten en paz e en folgãcia. (TAII 1214)

(2) E des y *per* essa agua da peçena a sobre péé ata *aquelo* logar u entra á água do frexeo na peçena u posemos & alçamos un padrõ por marco & por couto & des y pela uéa dessa agua do frexeo yndo a sobre péé ata a carreyra *que* uay de Euora pora Serpa; u sta a fonte *que* chamã dos Carneyros. (CAIII 1265)

(3) E de tremece~ hu el era ata hu era el Rei aboamar ha melhor de *quatroce~tas* legoas. (LLC fin. Séc. XIV)

(4) - He neçessario - rrespomderã elles - que ajamos de dar folga a nossas beestas, que são muito trabalhadas da grande jornada que amdamos, caa des omte ao serãõ não ouvemos allgu~a folga, caa som daquy a nossas fortallezas dez legoas grandes e pera sermos aquy çedo hera neçessario trigaromos ho andar. (ZCPM fin. séc. XV)

Mesmo um conjunto tão limitado de ocorrências permite evidenciar alguns aspectos relevantes:

- Formas derivadas de *sedere* não têm apenas a acepção (etimológica) ‘estar sentado’ (cf. Nunes: *ibid.*), mas também, genericamente, ‘estar’, como observado por muitos outros autores – cf. *seendo* no exemplo (1) e, embora noutro tipo de contexto, *sermos*, em (4);

- Também formas derivadas de *esse* podem ocorrer em contextos em que hoje se usaria *estar* – cf. as duas ocorrências de *era* em (3), e, numa construção diferente (passiva adjectival), *são* em (4);

- Formas de *estar* concorrem desde os textos mais antigos com aquelas – cf. em (1) *seendo sano e saluo* em contraste com *sten en paz e en folgãcia* (aqui na forma ainda etimológica, i. e. não contaminada pela forma correspondente do paradigma de *sedere*). Cf. também *sta* em (2), num tipo de construção muito próxima daquela que em (3) apresenta *era*.

Para a história de *ser e estar* - uma proposta de estudo

Ainda que aqui muito sumariamente exemplificada a complexidade do funcionamento de formas de *ser* (de *sedere* e *esse*) e *estar* em fases anteriores da história do português, creio que fica clara a necessidade de descrições finas de ocorrências em diferentes tipos de testemunhos, de modo a contribuir para o enriquecimento do conhecimento sobre este aspecto da diacronia da língua.

Em função da orientação seguida nos meus trabalhos, uma proposta de estudo deste tópico será enquadrada,

genericamente, na área de estudos de gramaticalização, considerando que esta fornece o suporte teórico e metodológico adequado a este tipo de temática.

O ponto de partida da investigação centra-se, naturalmente, numa caracterização das ocorrências, desde as atestações mais antigas, de formas de *seer* (< *sedere*) e de *estar* (< *stare*) em função dos valores expressos, em diferentes contextos, de modo a poder obter dados mais claros sobre a dessemantização (*bleaching*) dos significados etimológicos ‘estar sentado’ e ‘estar em pé’. A conservação destes valores, bem diferenciados, é patente em exemplos como:

(5) O juiz deve dar a sentença en publico e en logar *conveniavel* e no~ en logar *torpe*. E deve dar a sentença seendo e no~ stando ne~ andando. (TP fin. séc. XIII?)

Desde cedo, porém, possivelmente desde a própria emergência da língua, as mesmas formas verbais parecem evidenciar que o referido processo está já em curso, como se observou em alguns dos exemplos anteriores (sobre este aspecto, num diferente perspectiva, cf. Silva 1989: 528-548). Convirá, com base num conjunto mais alargado de dados e recolhidos em testemunhos tipologicamente diferenciados, procurar

aferir o processo que levaria à consolidação da sua oposição em termos da marcação de uma relação (perspectivada como) ‘inerente’ ou ‘permanente’ vs. ‘transitória’.

Alguns dos exemplos acima mostram também a necessidade de incluir neste estudo a análise contrastiva de ocorrências de *seer* (*sedere*) vs. formas derivadas de (*sum*) *esse*, incluindo os casos em que estas últimas concorrem, para a expressão dos mesmos valores, ou em sobreposição parcial, não só com as primeiras mas também com formas de *estar* (cf. (1)).

Numa perspectiva da mudança linguística assinala-se o ‘desaparecimento’ de formas (algumas das derivadas de *sedere*, como, por ex., *sejo* e *siia*)¹, processo a que não terá sido alheia a competição de formas a que se aludiu. Haverá, pois, que dar uma atenção particular à identificação de possíveis factores condicionantes desse ‘desaparecimento’ ou desuso, assumindo que não só a inovação (em sentido lato), mas também a obsolescência de formas / construções terá de ser tida em conta numa abordagem mais abrangente dos processos diacrónicos.

¹ Sobre a persistência / desuso deste tipo de formas, com dados de textos de Gil Vicente, v. Teyssier ([1959] 2005: 126).

Um outro aspecto é ainda de referir no âmbito dos processos de mudança linguística: a contaminação analógica que afectou as formas de *estar* do presente do conjuntivo, que da forma etimológica, continuação directa das formas latinas do tipo *stem, stes...* (cf. *sten* no exemplo (1)), viriam a assumir a actual forma (*esteja, estejam...*) por influência de *seja, sejam...* (Williams 1975³: § 184. 3). Tratando-se aqui de uma alteração morfológica, o próprio processo que lhe deu origem, correspondendo a um tipo de mudança analógica, pressupõe o estabelecimento de algum tipo de relação entre as formas contaminadas e as formas que determinaram a contaminação. Ou seja, a alteração formal verificada permite assinalar uma motivação semântica plausivelmente determinada pela proximidade ou sobreposição parcial dos valores marcados pelas formas dos dois paradigmas, *seer* (< *sedere*) e *estar*.²

Tenho procurado sublinhar que uma abordagem diacrónica abrangente dos processos linguísticos (contemplando,

como referi, quer processos inovadores, quer processos de obsolescência, que se interligam e condicionam mutuamente na mudança linguística) implica necessariamente considerar não apenas formas mas também construções que competem e / ou contrastam na marcação de valores (relacionados, parcialmente sobrepostos, diferenciados ou opostos). Neste pressuposto, num estudo em torno de *ser* e *estar* merece desenvolvimento uma abordagem, por exemplo, das construções aspectuais com gerúndio / *a* + infinitivo com estativos, o que em diacronia implica considerar outros verbos, como o hoje (quase completamente) obsoleto, *jazer*. Mas também, na linha de uma investigação já iniciada (Correia & Brocardo 2008), contrastar, neste tipo de construções, verbos de ‘deslocação’, como *ir, vir, andar*, assumindo, na sequência de Bertinetto (2000: 3), uma oposição entre «State-PROG (...) periphrases based on auxiliary verbs approximately meaning ‘be, stand’ [and] Motion-PROG (...) periphrases based on auxiliary verbs meaning ‘go, come’». Este estudo, a que pretendemos dar sequência, deverá permitir formular hipóteses mais seguras sobre uma diferenciação, em termos diacrónicos, dos processos de gramaticalização

² O condicionamento analógico determinou outras alterações, de diferentes sentidos, entre formas de *esse, sedere* e *stare* (Williams 1975³: § 184. 2; §198. 3). Como exemplo, lembre-se *sou*, por influência de *estou*, o que mais uma vez parece evidenciar a relação estabelecida entre os paradigmas.

envolvidos com cada um dos verbos em causa.

Muitos outros aspectos, evidentemente, merecem desenvolvimento numa investigação sobre *ser* e *estar* na história do português. Darei apenas mais dois exemplos, restringindo-me a tópicos já aflorados em trabalhos anteriores, e sempre na linha do que até aqui tenho defendido, ou seja, a consideração de formas / construções em competição e o condicionamento mútuo de inovação e obsolescência.

O primeiro tem que ver com o funcionamento de *ser* (< *esse*) vs. *haver* com valor existencial, com base na análise de ocorrências como (exemplos de Brocardo & Correia 2009):

(6) mas vos sabeis como eu são vassallo dell rrey de Castella e as pazes que são de hu~a parte a outra. (ZPM fin. séc. XV)

(7) E porque aquelle momte da Allmina emtra bem hu~a llegoa pello maar, e daquella parte vay outra costa de mouros e~ que ha gramdes povorações (ZPM fin. séc. XV)

Como é sabido, as construções com *ser* com este tipo de funcionamento virão a cair em desuso, sendo inteiramente substituídas por construções com *haver* (e mesmo com *ter*, no português do Brasil).

O segundo prende-se com a ocorrência de *ser* (< *esse*) como auxiliar de tempo composto com verbos inacusativos, por exemplo, em formas de Perfeito e Mais-que-Perfeito. Estas formas compostas, plenamente gramaticalizadas desde os testemunhos mais antigos, alternam / concorrem com as formas simples correspondentes. Em trabalhos anteriores (Brocardo 2009, 2010), procurei sublinhar a importância de uma análise mais atenta deste tipo de dados, e em particular a obsolescência de *ser* + PP com este funcionamento, para aferir o processo de auxiliarização de *haver* > *ter* como auxiliares de tempo composto. Os dados até aqui observados parecem permitir avançar a hipótese de que a gramaticalização de *haver* > *ter* + PP como formas de tempo composto (mas ainda com valor diferente do actual no caso do Pretérito Perfeito) estará plenamente concluída quando estes verbos (e logo depois quase exclusivamente *ter*) começam a ocorrer com inacusativos.

Nota final

Concluo com uma brevíssima nota, como não podia deixar de ser sobre a relevância da diacronia para uma compreensão mais aprofundada dos fenómenos linguísticos. Ainda que o

nosso trabalho comece por concentrar-se numa única forma ou construção, o seu estudo em diacronia inevitavelmente nos impõe abordar, quer os seus diferentes funcionamentos, quer as formas / construções que com ela competem. É claro que isto não é exclusivo dos estudos enquadrados na mudança linguística, num estudo sincrónico abrangente e coerente proceder-se-á de igual modo. Nem eu pretendo aqui defender qualquer ‘prioridade’ dos estudos diacrónicos, creio, pelo contrário, que é imprescindível a observação das formas em uso para conseguir descrições e análises finas. A diacronia propicia, no entanto, a obtenção de outro tipo de dados, como, por exemplo, os que nos mostram formas / construções que não tiveram continuidade (fenómenos de ‘obsolescência da forma’) ou também, por exemplo, a continuidade de formas / construções para a expressão de valores diferentes, o que pode configurar, dependendo da focalização em que nos situemos, inovação – associação de um ‘novo’ valor à forma / construção em estudo – ou obsolescência do valor (mais geralmente designada ‘obsolescência do significado’), no sentido em que aquele deixa de ser

marcado por determinada forma ou construção.

Referências bibliográficas

- Bertinetto, P.M. (2000) The progressive in Romance, as compared with English. In: Dahl, Ö. (ed.), *Tense and aspect in the languages of Europe (Empirical approaches to language typology 20)* (). Berlin & New York: Mouton de Gruyter, pp. 559–604 (http://alphalinguistica.sns.it/QLL/QLL95/PMB_Romance_progressive.pdf).
- Brocardo, M. T. (2009) Nótulas históricas – uma (re)leitura de Campos (2000). In: *Cadernos WGT - 'Ler Campos'*. Lisboa: CLUNL, pp. 13-18
- Brocardo, M. T. (2010) Portuguese pluperfect: elements for a diachronic approach. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* 5, pp. 117-130
- Correia, C. N. & M. T. Brocardo (2008) On constructions with *ir* ('go') + gerund / infinitive in Portuguese. Paper presented at the International Conference 'Semantics without Borders'. Bielsko-Biala (Polónia)
- Correia, C. N; Brocardo, M. T. (2009) *Mudam-se os tempos...* . In Godinho et al. (eds) *Jorge Crespo. Estudos em Homenagem*. Lisboa: 100Luz, pp. 555 - 568
- Nunes, J. J. ([1906] 19818) *Crestomatia Arcaica*. Lisboa: Clássica Editora
- Nunes, J. J. ([1919] 1975⁸) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Clássica Editora
- Silva, R. V. M. e (1989). *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*, Lisboa: IN-CM
- Teyssier, P. ([1989] 2005) *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa: IN-CM
- Teyssier, P. (1982) *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa
- Williams, Edwin B. ([1939] 1975³) *Do latim ao português. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro

Fontes dos exemplos

- (CAIII) Duarte, L.F. (1986a) *Os documentos em português da Chancelaria de D. Afonso III (Edição)*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras (Diss. de Mestrado)
- (LLC) Brocardo, M. T. (2006) *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV). Lisboa: IN-CM.
- (TAII) COSTA, A. J. da (1979) *Os mais antigos documentos escritos em português. Revisão de um problema histórico linguístico*. *Revista Portuguesa de História* 17, pp. 263-311
- (TP) Ferreira, J. A. (1986) *Edição e estudo linguístico dos «Nove Tempos dos Preitos»*. In: Roudil, J. *Jacobo de Junta el de las Leyes. Oeuvres. I. Summa de los Nueve Tiempos de los Pleitos, Édition et étude d' une variation sur un thème*. Paris: Klincksieck, pp. 65-80, 95-138, 141-142, 151-169, 387-406
- (ZPM) Brocardo, M. T. (1997) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara*. Edição e estudo. Lisboa, FCG / JNICT.